

A

Coordenador/ Professor/Antropologia Social pelo  
PPGAS/MN/UFRJ

EDMUNDO PEREIRA / MNA 701 Teoria Antropologia I –  
Email: [edmundopereira@mn.ufrj.br](mailto:edmundopereira@mn.ufrj.br)

[reinaldopotiguara@gmail.com](mailto:reinaldopotiguara@gmail.com)

REINALDO DE JESUS CUNHA

DRE:122023596

## RESENHA

**HERTZ, Robert; MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel; LÉVI-STRAUSS.**

Robert Hertz, foi um dos mais nobres proeminentes estudioso da Sociologia Francesa, em seu estudo sobre em forma de Ensaio: **‘A Preeminência da Mão Direita: Um Estudo Sobre a Polaridade Religiosa’**; permitiu-nos aprofundar-nos no estudo da Religião, a partir da oposição entre o sagrado e o profano; E da supremacia da mão direita sobre a esquerda. Para Hertz, “O Corpo Humano é um campo de pesquisa”. E para demonstrar sua tese, usou o seu próprio corpo para o embasamento do estudo etnográfico. Segundo Hertz, longe de ser natural: “O corpo humano está carregada de significados culturais, servindo como representações de diversas hierarquias”. Pois, para ele, tanto a mão direita e a mão esquerda, têm representações simbólicas, ou sejam: “Na mão direita vai as honrarias”, podendo ser entendido como de poder aristocrático; Conquanto, a mão esquerda as de pessoas comuns, sem privilégios”. Toda a hierarquia social, diz: “É baseada na natureza das coisas”. Justificando, e adentrando no estudo do gênero, Hertz comenta: “A predominância da mão direita resulta diretamente do organismo e nada deve a convenção ou as crenças em mudanças do homem”. Com relação ao cérebro, Hertz vai dizer: “A prerrogativa da mão direita seria, então, encontrada na estrutura assimétrica dos centros nervosas, da qual a causa, qualquer que seja, e evidentemente orgânica”. Hertz, entende que existe uma conexão regular entre a mão esquerda e a mão direita e o cérebro: “A maior atividade da mão direita, ativa mas os centros nervosos do que a esquerda, e produz

o efeito necessário de favorecer o seu desenvolvimento”. Já o hemisfério esquerdo, Hertz comenta: “Reduz-se a tão pouco que pode, no máximo, determinar uma leve preferência em favor do lado direito”. Segundo Hertz: Mesmo que exista diferença entre a mão esquerda e direita. A prevalência da maioria da população proporcionalmente usada, é mais a mão direita do que a esquerda: “Pois a mão direita é, mas treinada do que a esquerda.” Embora Hertz admita que uma pessoa que perca a mão direita em um acidente. É possível recuperar os movimentos e o uso da mão esquerda, a detrimento de não ter uma mão Direita. Hertz, em analogia ao significado do bem e do mau com relação ao corpo do homem que governa tudo vai dizer: “A sociedade e todo o universo tem um lado que é sagrado, nobre e precioso e outro que é profano e comum: um lado masculino, forte e ativo, e outro feminino, fraco e passivo”. E indaga-se deveria ser simétrico e/ou uma exceção? Hertz vai dizer que “O homem está no centro da criação: cabe a ele manipular e dirigir para o bem as forças formidáveis que trazem a vida e a morte”. Apesar disso, Hertz entende a importância das duas mãos, pois: as duas mãos são guerreiras e servem a diversos propósitos. Com relação ao agricultor comenta: “Enquanto o povo agrícola prefere trabalho pacífico e pilhagem; A outra recorre às armas, exceto na defesa: A “mão do escudo” sobrepõe as armas na estima popular, enquanto que a “mão da lança” perdera algo do seu prestígio”. Em conclusão do seu Ensaio, sobre as duas mãos Hertz, conclui dizendo: “Assim, de um extremo a outro do mundo da humanidade, nos lugares sagrados onde o devoto encontra seu deus, nos locais malditos onde os pactos diabólicos são feitos; Uma lei imutável governa as funções das duas mãos. E o sagrado, tem a esquerda a permissão de violar a direita”. Uma atividade preponderante da mão ruim poderia apenas ser ilegítima ou excepcional, pois seria o fim do homem e de todo o resto se o profano tivesse algum dia permissão para prevalecer sobre o sagrado”. Esse dualismo, direita e esquerda do pensamento primitivo, não determinam qual delas será preferida, se é ‘o profano o esquerdo’. Uma coisa diz: “É explicar a natureza e a origem de uma força, outra e determinar o ponto ao qual se aplica. As leves vantagens físicas possuídas pela mão direita são apenas a ocasião de uma diferenciação qualitativa da qual a causa está além do indivíduo, na constituição da consciência coletiva”.

**As Formas Elementares da Vida Religiosa, Émile DURKHEIM,** publicada em 1912, nas palavras de Michel Maffessoli, “É um dos textos fundadores da nova antropologia”, e se mantém uma impressionante atualidade”. Pois, segundo sintetiza na abertura de

seu livro: “Rompendo com a tradição de época que considerava os fenômenos com um tecido de superstições, das quais os homens se libertavam desenvolvendo seus conhecimentos. DURKHEIM mostra que o fato religioso, ao contrário, é uma das bases essenciais da sociedade”. Segundo o seu estudo primitivo da religião: ‘O sistema é primitivo religioso,’ “Quando preenche as duas condições seguintes: em primeiro lugar, que se encontre em Sociedades cuja a organização não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade; É preciso além disso, que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum elemento tomado de uma religião anterior”. DURKHEIM, argumenta que as civilizações primitivas constituem, portanto: ‘casos privilegiados, por serem casos simples’. “Eis por que, em todas as ordens de fatos, as observações dos etnógrafos foram com frequência verdadeiras revelações que renovaram o estudo das instituições humanas”. E fundamenta o exemplo, dizendo: “Antes da metade do século XIX, todos estavam convencidos de que o pai era o elemento essencial da família; não se concebia sequer que pudesse haver uma organização familiar cuja pedra angular não fosse o poder paterno”. Com relação ao estudo dos fenômenos E tece uma crítica: DURKHEIM, Émile, em ‘A Crítica as Perspectivas Sociológicas e Religiosas’ menciona com seus estudos, um meio de renovar problemas que até agora só foram debatidos entre filósofos, sociólogos. Segundo Durkheim, a religião como toda instituição humana, não começa em parte alguma: “Assim, todas as especulações desse gênero são justamente desacreditadas; Só podem consistir em construções subjetivas e arbitrárias que não comportam controle de espécie alguma; Há muito se sabe que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa; Não há religião sem uma cosmologia e/ou uma especulação sobre o divino”, argumenta. A religião para Durkheim, é uma instituição social. “As representações religiosas são representações coletivas; Os ritos são maneiras de agir no interior de grupos coordenados, e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos”. A influência que a religião exerce na sociedade, variou de época e sociedade. Quando tentamos insurgir-las a ela, diz: ‘deparamo-nos com fortes resistências’. “Portanto, elas não apenas não dependem de nós, como também se impõe a nós”. Concluindo, Durkheim, Culto e religião não se confundem, pois: “Ora para tanto não basta que pensemos nela, é indispensável que nos coloquemos em sua esfera de ação e sintamos a sua influência; De fato, quem quer que tenha praticado o ato religioso: sabe bem o culto é que sucinta a alegria e a paz interior”. E finaliza: “O culto não é só um sistema de signos

sobre as quais a fé traduz exteriormente: É o conjunto dos meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente” conclui.

Em seus estudos de classificação das tribos Australianas, escritas por DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel; "Algumas formas Primitivas de Classificação". Alguns autores vão chamar e referenciar teoricamente as tribos australianas, como 'classes sociais', dentro do universo do estudo da sociologia. Ao classificarmos conceitos; maneiras de entendimento teórico; modelos de etnografias das tribos Australianas, organizações encontradas nessas sociedades chamadas de 'fratrias', com certo número de clãs: "isto é, grupos de indivíduos no mesmo totem; divididos em matrimônios. DURKHEIM, Émile, vai dizer, que essa divisão tem diferenças, porque: "Cada fratrias, representa um certo número de pessoas e indivíduos dentro de um mesmo clã". O objetivo dessa organização diz DURKHEIM: "A regulação do casamento determinada classe de uma fratrias, não pode contratar casamento senão com determinada classe de outro fratria". No esquema apresentado por DURKHEIM, ele vai dividir em duas classes matrimoniais. Fratria -1: Classe Matrimonial A; Classe Matrimonial B; (Clã da Ema, Clã da Serpente, clã da Lagarta etc; Fratrias -2 Classe Matrimonial A; Classe Matrimonial B; (Clã do Canguru, Clã gamba, Clã do corvo etc.). Todas as classificações são divididas em coisas. "E todas as coisas do universo, estão divididos em diferentes membros da tribo; alguns desses membros atribuem a si as árvores, outras planícies, outros o sol, vento, chuva, e assim por diante". As tribos do Rio Bellinger, divididas em duas Fratrias, masculinas e femininas (o sol a lua, as estrelas são homens e mulheres). Com relação aos Mabuiag, encontramos uma organização de clã também agrupados em duas, 'uma da terra a outra água', uma a favor do vento e a outra: "uma acampa a favor do vento e a outra, contra o vento". A mitologia descreve DURKHEIM, da classificação dos grupos de parentescos, do clã a que pertencem: "encontrariam em determinado grupo; um parentesco, em outro lugar determinado lhes seriam atribuído a sociedade". O que caracterizam essas classificações não estão aparentes: "Mudanças sobrevindas a estrutura social, alteram a economia desses sistemas, mas não ao ponto de torná-los completamente irreconhecíveis; As classificações nelas organizadas de acordo com o modelo a elas fornecidas; desde que essas organizações de mentalidade coletiva exista e sejam suscetível de reagir e a mudá-las". Cada grupo, cada Clã, cada espécie de coisas diz DURKHEIM, servem de totens secundários ou de subtotens, isto é: "No interior de cada Clã, cada grupo particular de indivíduos, sob a influência de causas que ignoramos, passa a

sentir mais especialmente em relações com tais coisas que são atribuídos ao Clã inteiro”. Apesar da fratrias Australianas terem oposição de uma as outras: “Os clã que se formaram no interior delas mesmas, conservam uns com outros parentesco lógico”. Assim analisa DURKHEIM: “É raro ver na Austrália que o clã do corvo seja de outra fratrias que não a do trovão e das nuvens e da água; Quando num clã a segmentação se torna necessária, são os indivíduos agrupados em torno de uma das coisas classificadas dentro do clã que se destaca do resto”. Mas apesar dessas subdivisões com relação as classificações de totens ou subtotens, conservam lembranças de sua origem comum, “associando partes ao todo”. Com relação aos grupos sociais, categorias lógicas, classes de homens, DURKHEIM, vão dizer, que: “As primeiras classes de homens ao qual foram integradas; Foi porque os homens estavam agrupados e se concebiam a si mesmo sob forma de grupos, que agrupavam idealmente os outros seres, e as duas modalidades começaram a se confundir, a ponto de serem indistintas; As fratrias foram os primeiros gêneros e os clãs as primeiras espécies”. Com relação ao gênero, pondera DURKHEIM: “É um fato de observar se situa numa espécie de meio ideal, de circulação espacial, mais ou menos nitidamente delimitada”. Assim questiona-se: Tal modo de sua natureza, não teria sido concebido pelo agrupamento social? Pelo fato de estarem agrupados? A unidade do conhecimento não é outra coisa, senão a própria unidade da coletividade, estendida ao universo? “É muito possível, a priori que motivos de ordem muito diferente tenham determinado o modo pelo qual os seres foram se aproximados, confundidos ou distinguidos separadamente; Pode se dizer que os mesmos sentimentos que estão no social, ao qual tudo se liga”. Com relação a situação geográfica a região onde os clãs situam-se: “É que cada região tem seu valor efetivo próprio. Sob a influências de sentimentos diversos, ela se liga a um princípio religioso especial e, estar dotada de virtudes sui generis que a distingue de qualquer outra; O centro dos primeiros sistemas da natureza não é o indivíduo, mas a natureza”. Concluindo, DURKHEIM, assim sintetiza: A classificação lógica é uma classificação de conceitos; Ora, o conceito é a noção de grupo de seres nitidamente determinado; os limites do grupo com precisão. Sua influência contagiosa se irradia muito além do ponto que se originou, estendendo-se tudo que o cerca, sem que se possa dizer onde termina e onde começa”. Finalizado, DURKHEIM assim sublinha: “A pressão exercida pelo grupo social sobre cada um dos seus membros não permite aos indivíduos julgar com liberdade noções que a própria sociedade elaborou; Desse modo, a história da classificação científica é em definitivo, as etapas

do curso das quais este elemento de efetividade social se enfraqueceu”. Em o Pensamento Selvagem, ‘LÉVI-STRAUSS’, com tradução de Maria Celeste da Costa e Almir de Oliveira de Aguiar, segunda Edição, podemos idealizar o ‘Pensamento Selvagem’ nas palavras de H. de Balzac: “Nada se compara, no mundo, aos selvagens, aos camponeses e aos provincianos, para estudarem, a fundo, em todos os sentidos, o que lhes diz respeito; ele porque, quando passam o pensamento ao Fato, encontrais tudo completo”. Para o antropólogo ‘LÉVI-STRAUSS’: “Cada civilização a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é por isso, então, que ela nunca está ausente”. Com relação a censura ao saber indígena STRAUSS, adverte: “Quando cometemos o erro de crer que o selvagem é exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não reparamos que ele nos dirige a mesma censura, e que, a seus olhos, o seu próprio desejo de saber se parece melhor equilíbrio que o nosso”. Citando (Handy e Pukui, p.213.), STRAUSS, vai resumir com relação aos indígenas Havaiano com relação a utilização de recursos naturais: “A utilização de recursos naturais de que dispunham os índios havaianos, era pouca ou mais ou menos completa; bem mais que a praticada na era comercial de hoje, em que explora sem piedade, os produtos que, no momento, trazem vantagem financeiras desdenhando-se e destruindo-se muitas vezes todo o resto”. Fazendo um crítica ao britânico Malinowski, e ao seu método de investigação antropológica da circunscrição, o saber botânico, e pesquisador participante; E a contraposição a aristocracia havaiana, assim resume: “Sem dúvida, a agricultura para o mercado botânico. Mas, ignorando o segundo e considerando exclusivamente a primeira, a velha aristocracia havaiana repete, por conta de uma cultura indígena, invertendo-o embora a seu favor, o erro simétrico cometido por Malinowski, quando pretendia que o interesse em relação as plantas e aos animais totêmicos só era inspirado aos primitivos pela queixa de seus estômagos”. Com relação ao conhecimento a natureza e animais utilizado pelos povos siberianos: “Os produtos naturais, utilizados pelos povos siberianos para fins medicinais, ilustram, por sua definição precisa e pelo valor específico que lhes é dado, o cuidado a inventiva, a atenção à minúcia, a preocupação das distinções que devem ter empregado os observadores e os teóricos, desse tipo; Concluir-se-ia de bom grado, que as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam classificadas uteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas”. Com relação ao conhecimento científico e o conhecimento mágico, STRAUSS com relação ao passado neolítico, vai dizer: “É na era neolítica que se

confirma o domínio do homem sobre as grandes artes da civilização: cerâmica, tecelagem, agricultura, animais. Ninguém, hoje pensaria mais explicar essas imensas conquistas pela cumulação fortuita de uma série de achados feitos por acaso, ou revelados pelo espetáculo, passivamente registrado”. Segundo STRAUSS, esse saber do homem adquiridos por experiências práticos, convívios, observações desses fenômenos naturais: “Cada uma dessas técnicas supõe séculos de observação ativa e metódica; hipóteses ousadas e controladas, para serem rejeitadas ou comprovada por meios de experiências incansavelmente repetidas”. Com relação a revolução neolítica, moderna e a contemporânea, e o pensamento mágico, ‘ambas se supõe, que na era neolítica que se confirma o domínio do homem as grandes artes da civilização: “cerâmica, tecelagem, agricultura e domesticação de animais”. STRAUSS, entende que o domínio dos alimentos silvestres em plantas cultivadas; Transformação de grãos em raízes, ou ainda usar a toxidade para caça, a guerra e o ritual; Elaborar as técnicas as vezes longas e complexas, que permitem cultivar sem-terra ou agua, não duvidamos: “É uma atitude verdadeiramente científica; As quais tenham sido inspiradas, e sobretudo pelo gosto do saber”. Com relação ao rito de passagem para a vida e para a morte, no ‘jogo biológico e natural’ na mitologia norte americana de forma simbólica, para STRAUSS, “ganhar o jogo é matar o adversário; Prescrevendo sempre o triunfo dos mortos, dar-se a esses a ilusão que são os verdadeiros vivos e que seus adversários estão mortos, já que eles o mataram”. Concluindo o conceito de ritual e jogo, Lévi-Strauss, argumenta que o jogo é *disjuntivo* e o ritual *conjuntivo*. O *disjuntivo*: “Ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre jogadores individuais e equipes, que nada designava como desiguais; De forma simétrica e inversa, o ritual é conjuntivo, pois institui uma união (pode se dizer-se aqui uma comunhão) ou, em todo caso uma relação orgânica entre dois grupos”. Com relação a simetria entre elas, no caso do Jogo, ela é estrutural. No ritual, é o inverso: estabelece-se uma assimetria preconcebida e postulada entre o profano e sagrado, fieis e oficiante, mortos e vivos, iniciados e não iniciados. Finalizando, Lévi-Strauss, diz que o pensamento selvagem não são as mesmas que os sábios. Conforme cada caso diz: “O mundo físico é abordado por extremidades opostas: uma supremamente concreta, a outra abstrata; ora sob o ângulo das qualidades sensíveis, a outra das propriedades formais; os dois saberes continuam a prover as nossas necessidades essenciais”. O processo de todo o conhecimento científico, humano, assume caráter fechado. “Assim, é portanto, permanecer fiel à inspiração do pensamento selvagem,

reconhecer que o espírito científico, sob uma forma mais moderna, terá contribuído, por um encontro que somente aquele pôde prever, para legitimar seus princípios e restabelecê-lo nos seus direitos”.

**Diálogos em Sala de Aula, professor Edmundo Pereira:** Pensando no modelo de classificação entre o modelo mental de classificação e elementar dos franceses. A forma como o conhecimento humano se ordena, que aprendemos com os franceses. Primeiro: A própria noção de paradigma da escola francesa, vai se debruçar sobre os períodos históricos. A sistemática, a ideia difundida Lévi Strauss é a etnologia francesa, esse é o classificador geral. Qual é a categoria central? É a mentalidade. Ainda que tenha um peso eurocêntrico de classificação das formas, como primitivas. Apesar disso, a qualificação desses pensamentos filosóficos, é como ciência, ou filosofias naturais. Isso vai avançando na França na década de XX, o objeto, pelo pensamento místico. Quando perguntaram a ‘LÉVI-STRAUSS’, porque ele trabalhou com parentesco e mitologia. A resposta de Strauss: É porque são estudos do mundo sócio cultural, para pensar o estudo do humano; O totemismo, a maneira de divisão As fratrias em clãs, é uma maneira do pensamento organizar o conhecimento e produzir uma classificação geral do mundo; A partir de um modelo simples, o modelo binário. Nesse sentido: o paradigma ao qual agente esta, é simbólico, mas não é tudo. O simbólicos para Lévi Strauss, é a linguagem. Falar de seres da terra, fratrias, o canguru. É uma maneira simbólica de usar animais no contexto de parentesco, para classificar com o mundo natural. E esse paradigma é simbólico porque temos que dar conta do humano. Mas esse simbólico também é uma maneira de teorizar sobre o humano. O Pensamento Selvagem, tem uma dupla acepção: por uma lado, ele está se referindo a um objeto. Por outro, um modo de pensar os povos tradicionais. O modo de pensar de Lévi Strauss sobre a antropologia britânica, a utilidade e o modo de pensar as coisas, pois o modo de pensar dos ingleses é muito utilitarista. Ou seja: se classifica por que é útil se classificar. Classificar não é uma operação de separar e classificar as coisas. Exp: a classificação das flores está muito além das formas de classificação dos povos. Para Lévi Strauss, é uma exigência intelectual; de introduzir um princípio de ordem do universo; E isso é um investimento que organiza gerações e a qualidade das coisas. É um projeto da etnologia francesa, é um projeto simbólico, é um modo de produzir conhecimento, é um modo de classificar o pensamento mágico. Existe uma tendência no século XIX de hierarquizar a magia da religião. A magia é uma espécie de

antecessor do universo simbólico. Para DURKHEIM, o pensamento é binário, já para Lévi Strauss, é modo como nossas estruturas elementares inconscientes, elas se refletem no mundo social, no mundo cultural. O projeto de Lévi Strauss, de tocar unidades na sociedade e que estejam em todo contexto humano. Qual a passagem entre natureza e o mundo cultura para Lévi Strauss? Essa pergunta extremamente eurocêntrica e intelectual no período de XVII. Esse problema: quando o homem se faz homem e aparece a cultura? No fundo: qual é a diferença dos humanos para os animais? Strauss, disse que essa separação se deu com o fim do incesto e sua proibição, da pratica sexual do pai com a filha. Isso porque é muito comum entre os animais. A proibição do incesto, essa passagem do natural para o cultural, é a partir dessa proibição. O ato da proibição, institui a regra e o ordenamento. Ou sejam: Todos os povos, de todas as conjunturas e ordenamentos, proíbem o incesto. Segundo Lévi Strauss, esse é o ordenamento fundador do mundo natural. É quando a natureza consegue passar a si mesma, para tentar se organizar. Quando se institui a ordem da cultura, da ordem do social, o incesto é uma espécie de dobradiça que faz a transição do mundo natural para o mundo cultural. Não é só porque a natureza passou a regular o incesto. Lévi Strauss, vai dizer que para além do incesto: ele é uma regra por excelência, ele que se diferencia o mundo natural. A proibição do parentesco, do incesto no próprio grupo, faz o indivíduo sair do próprio grupo social e conhecer outro grupo social. Strauss, vai classificar os sistema de parentescos, em isogâmicos endógamos. É uma forma de determinismo simbólico que ordena as expressões de parentescos e mitologias. Lévi Strauss, vai considerar a narrativa mítica em quatro estágios: Esses níveis de classificação, são: geográfico, econômico, sociológico e cosmológico. Esse conjunto de níveis está estruturando uma imagem universal. Cada nível é uma transformação dessa subjacentes, inconscientes. Na medida que esse nível vai se materializando, podem adquirir determinadas formas. Mas, qual é a relação entre mito e o real, para Lévi Strauss? O mais evidente é a representação do simbólico. É o simbolismo que relaciona o mundo terrestre com o mundo magico. Ele diz que é dialética, por que pode falar o inverso. Fechando o raciocínio. Edmundo Pereira diz que a natureza simbólica do pensamento, vai enfatizar as consequências disso. O modo como vai se organizar o mundo cultural do mundo social, do mundo dos sentidos, do próprio nome do simbólico. Pensando de uma maneira útil, vamos falar da vida, da magia, pois existem várias maneiras de ver o simbólico, concluiu.

## **Análise Conclusiva**

Ao fazer um resumo e análise do papel da etnologia, e/ou mesmo antropologia, a partir da análise de LÉVI-STRAUSS, sobre a Antropologia Estrutural. Vimos o quanto é importante a pesquisa de campo para o trabalho do antropólogo. Não podemos acreditar que de gabinete e ar refrigerado, e uma centena de papeis, possam auto referenciar determinada sociedade. Daí a importância do estudo da Etnografia. Com relação a Etnografia, argumenta Strauss: “A etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade (muitas vezes escolhidos entre os mais diferentes do nosso, mas por razões teóricas e práticas que nada tem a ver com a natureza da pesquisa), visando a restituição, tão fiel quanto possível, do modo de vida de cada um deles”. Já sobre por antropologia social e cultural, manifesta-se: “Sendo que a antropologia social se dedica basicamente ao estudo das instituições consideradas como sistemas de representação, e a antropologia cultural ao das técnicas, eventualmente também das instituições, consideradas como técnicas a serviço da vida social”. Com relação a interpretação evolucionista em contraponto a etnologia, a repercussão direta do evolucionismo biológico, e o conceito europeu de mundo, diz: “A civilização ocidental aparece como a expressão mais avançada da evolução das sociedades humanas, e os grupos primitivos como “sobrevivências” de etapas anteriores, cuja classificação lógica poderá fornecer, automaticamente, a ordem de aparecimento no tempo”. É complicado avaliar a expressão primitiva, pois os estágios anteriores ao homem civilizado, branco e europeu, hoje conseguimos distinguir que não é civilizado, além disto está carregado de racismo e discriminação social. Todos os povos tem direito à autodeterminação e respeito a sua cultura. Com relação ao Etnógrafo descrever, analisar as diferenças que aparecem no modo como elas se manifestam nas diversas sociedades, Strauss vai dizer: “A etnologia representa, em relação a etnografia, um primeiro passo em direção a síntese. Sem excluir a observação direta, ela tende a conclusões suficientemente amplas para que seja difícil fundamentá-las exclusivamente num conhecimento de primeira mão”. E para isso sintetiza: “Ela pode ser operada em três direções: geográfica, se se quiser integrar conhecimentos relativos a grupos vizinhos; histórica, se se visar a reconstituir o passado de uma ou várias populações; e, finalmente, sistemática, se for isolado, e examinado com especial atenção, um determinado tipo de técnica, de costume ou de instituição”. Em suas observações em aula, o Professor Edmundo Pereira, comentando sobre a profissão de antropólogo avisou:

“Cuidado com o Ser Antropólogo, é muito perigoso”? Depois desta resenha... Tenho que concordar, é muito perigoso.

## Referências Bibliográficas

HERTZ, Robert. “A preeminência da mão direita. Estudo sobre a polaridade religiosa”. In: *Sociologia Religiosa e Folclore*. Petrópolis: Vozes, 2016:pp. 97-121.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, “As técnicas do corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac & Naify, 2003:pp.185-318;401-424. 13-14. (11 e 18/07).

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação". Em: Rodrigues, J. A. (org.) *Durkheim. Sociologia*. SP: Guanabara, 1995:183-203.

DURKHEIM, Émile. “Conclusão”. In: *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. SP: Martins Fontes, 2000:pp.457-498.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “História e Antropologia”, “Linguística e Antropologia”, “A Eficácia simbólica”. *Antropologia Estrutural I*. RJ: Tempo Brasileiro, 1970:pp.13-44;215-236.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Gesta de Asdiwal". In: *Antropologia Estrutural II*. RJ: Tempo Brasileiro, 1970:pp.152-205.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. SP: Papyrus, 1989 (Cap. 1):pp. 15-50.